

RICARDO ANTUNES – ADEUS AO TRABALHO?

Cássia Damiani¹

Resenha

O ensaio que ora o autor nos apresenta ganha uma dimensão especial neste momento de aguda crise do pensamento de esquerda. A época nos apresenta uma significativa parcela dos intelectuais que outrora acreditaram no papel emancipador desempenhado pela luta da classe trabalhadora, negando este papel. O mais desalentador é que negam a própria possibilidade de construção de uma sociedade assentada sobre o trabalho não alienado.

A fonte inspiradora deste trabalho é a polêmica que paira sobre o *presente* e o *futuro* do mundo do trabalho. Contraindo-se radicalmente à tese de GORZ sobre a tendência atual da redução do operariado industrial nas sociedades capitalistas avançadas, ANTUNES faz indagações que orientam a linha reflexiva do ensaio. A princípio ele questiona os prenúncios atuais do desaparecimento da “classe-que-vive-do-trabalho”, as influências das metamorfoses do processo produtivo junto ao sindicalismo e indaga os desdobramentos teóricos destas transformações sobre o estatuto da centralidade da categoria trabalho na *práxis* humana da sociedade contemporânea. Finalmente, o autor oferece algumas indicações na defesa da centralidade do trabalho como “elemento *estruturante* de uma nova forma de sociabilidade humana”, na perspectiva da superação do capitalismo. Em plena efervescência do debate, com muitas das transformações ainda em curso. O ensaio tem um caráter preliminar.

O texto publicado compõe parte da tese de Livre-Docência em Sociologia do Trabalho na UNICAMP. ANTUNES, conceituado pesquisador e autor de diversas obras referentes ao sindicalismo e às questões contemporâneas do mundo do trabalho e da luta de classes, resgata em seus debates o pensa-

mento marxista contextualizando-o na atual crise do capitalismo.

Dividido em quatro partes, o livro nos leva a uma reflexão de maneira articulada sobre as indagações do autor, além do apêndice que contém seis artigos já publicados em periódicos. Na primeira parte “Fordismo, Toyotismo e Acumulação Flexível” o autor parte da constatação de que o mundo da produção sofreu profundas mudanças nas últimas décadas. Estas se refletiram diretamente sobre as formas de ser das classes trabalhadoras, especialmente da classe operária e na ação sindical. A instauração de um novo modelo de acumulação capitalista em substituição ao fordismo, levou a um processo de heterogeneização, fragmentação e complexificação do mundo do trabalho. Antunes analisa criticamente e confronta-se com as principais teses de autores apologistas do toyotismo, que vêem neste paradigma um avanço no sentido da superação da exploração e da alienação do trabalho.

Ao contrário, o toyotismo “supõe uma intensificação da exploração do trabalho, quer pelo fato de os operários atuarem simultaneamente com várias máquinas diversificadas, quer através do sistema de luzes que possibilita o capital intensificar, sem estrangular o ritmo produtivo do trabalho”, além da proliferação do trabalho terceirizado, parcial e precário, sem direitos sociais e sub-remunerado, fortalecendo o mercado dual de trabalho.

Na tentativa de desmistificação do toyotismo, o autor nos aponta que este modelo mantém o “estranhamento do trabalho” e, em vários sentidos, o amplia. O ideário da empresa incorporado pelo trabalhador “é de muito maior intensidade e qualitativamente distinto daquele existente na era do fordismo”. Ou seja, o ideário do fordismo “era movido [...] por uma lógica mais despótica” enquanto a lógica “do toyotismo, é mais ‘consensual’, mais envolvente, mais participativa, e em verdade mais manipulatória”, pois capta o saber e e

¹ Professora do Dep. de Teoria e Prática do Ensino - FACED e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED/UFC.

fazer do trabalhador em favor da elevação da produtividade.

Em verdade, o discurso que aponta para a proximidade existente entre as funções de elaboração, planejamento e execução, é aparente, não encontra repercussão na realidade pois, “a concepção efetiva dos produtos, a decisão de como produzir, não pertencem aos trabalhadores. O resultado do processo de trabalho corporificado no produto permanece alheio e estranho ao produtor”. É neste engodo que muitos intelectuais de esquerda embarcam, sem perceberem que este novo modelo preserva, em sua totalidade, o fetichismo da mercadoria e a alienação.

A polêmica estabelecida com diversos autores como SABEL e PIORE, CLARKE, POLLERT, ANNUNZIATO, MURRAY, HARVEY, CORIAT e GOUNET vai delineando a opinião do autor sobre os desdobramentos do toyotismo, inclusive no que tange ao Estado de Bem-Estar Social, e o debate sobre as teses que sugerem que “nem tudo é negativo” no modelo, ou contrariamente, aquelas que acreditam na possibilidade de incorporação das virtudes do toyotismo ao modelo social-democrático europeu, teríamos, ao invés da social-democratização do toyotismo, no caso de fusão, “uma toyotização descaracterizada e desorganizada da social-democracia”.

Outra grande polêmica deste ensaio é a que o autor mantém contra as teses de HABERMAS, OFFE e GORZ que apregoam o fim da centralidade da categoria trabalho na sociedade contemporânea, e lançando mão das afirmações de MARX, Antunes argumenta que “mesmo num processo produtivo, tecnologicamente avançado [...] a criação de valores de troca seria resultado [...] [da] articulação entre os trabalhos vivo e morto”. Fica claro o papel do trabalho social concreto como gerador de valor de uso, sendo inadmissível, portanto, sua extinção. Já a extinção do capitalismo, o fim do trabalho abstrato, do trabalho alienado é algo admissível. Conclui o autor que, para resolver a crise da sociedade do trabalho abstrato, a classe trabalhadora tem papel fundamental.

Diante das questões postas, ANTUNES elenca as debilidades por que passam os organismos representativos dos trabalhadores, e denuncia uma tendência ao atrelamento destas entidades aos valores fornecidos pela sociabilidade do mercado e do capital, neste sentido, os sindicatos distanciam-se dos movimentos autônomos de classe e “da reação desenvolvida pelo sindicalismo classista e pelos movimentos sociais anticapitalistas, que visam o controle social da produção”.

Na segunda parte, o autor vai examinar as implicações das “Metamorfoses no Mundo do Trabalho” na *forma de ser* das classes trabalhadoras. Antunes anali-

sa as múltiplas processualidades das relações sociais de produção vigentes, contrapondo-se a GORZ, OFFE e agora, KURZ, que apontam para a “tendência generalizante e uníssona, quando se pensa no mundo do trabalho”.

Nesse embate, fundamenta sua tese constatando as contradições precípuas existentes na processualidade multiforme da classe trabalhadora, demonstrando sua heterogeneização, fragmentação e complexificação. Por um lado, aponta a “desproletarização relativa do trabalhador industrial”, com a retração do operariado industrial tradicional e, por outro, o aumento da *subproletarização*, do trabalho precário, temporário, “terceirizado”. E ainda como partícipe deste processo, há a intensificação do assalariamento no setor de serviços e a incorporação da mulher na produção.

Estas transformações no mundo do trabalho ratificam a expansão mundial do desemprego estrutural na atualidade. E, paralelamente a isso, afeta *qualitativa-mente a forma de ser* do trabalho, “evidencia-se portanto, que ao mesmo tempo em que se visualiza uma tendência para a qualificação do trabalhador, desenvolve-se intensamente um nítido processo de desqualificação dos trabalhadores que acaba configurando um processo contraditório que *superqualifica* em vários ramos produtivos e *desqualifica* em outros”. Esta lógica destruidora das multifaces do mundo do trabalho estão em acórdância com o desiderato do capital. Mas a realidade nos aponta outras determinações como a participação dos trabalhadores dos setores de serviços no coletivo produtor, apontando uma “expressiva expansão e ampliação da classe trabalhadora” - o que leva o autor a concluir que o operariado não desaparecerá tão rapidamente e, principalmente “não é possível perspectivar nem mesmo num universo distante, nenhuma possibilidade de eliminação da classe-que-vive-do-trabalho”.

Na terceira parte do trabalho “Dimensões da Crise Contemporânea do Sindicalismo”, Antunes analisa as diversas tendências do movimento sindical e como o sindicalismo tem respondido às metamorfoses do mundo do trabalho e enfrentado suas crises.

A crise de quase duas décadas que assola o sindicalismo nos países de capitalismo avançado e agora repercute no terceiro mundo é delineada pelo aumento (desigual para cada país) das taxas de dessindicalização; pelas grandes diferenciações postas entre os trabalhadores *incluídos*, estáveis e os “terceirizados”, temporários, com o fortalecimento do neocorporativismo “que procura preservar os interesses do operariado estável, vinculado aos sindicatos”; e, pela ineficiência prática na efetivação dos instrumentos concretos de luta, devido à

fragmentação e heterogeneização crescentes dos trabalhadores.

Outras tendências identificadas pelo autor agravam o quadro do movimento sindical, quando resistem à centralidade das classes trabalhadoras na construção dos projetos anticapitalistas, criando um clima de “adversidade e hostilidade contra a esquerda, contra o sindicalismo combativo e os movimentos sociais de inspiração socialista”. Elas apontam para a crescente individualização das relações de trabalho, primam pela desregulamentação e flexibilização do mercado de trabalho e pela opção ao “sindicalismo de participação”. Os principais desafios postos aos sindicatos combativos dos países que estão sob influência destas tendências capitalistas, estão na capacidade de reverterem este quadro, combatendo o “sindicato de empresa”, e efetivamente instaurarem um sindicalismo horizontalizado, participando e auxiliando “na elaboração de um modelo econômico alternativo, com claros traços anticapitalistas”.

Na tentativa de indicar teses para oferecer conclusões em relação aos temas abordados ao longo do livro, a quarta parte ganha maior densidade. “Qual é a Crise da Sociedade do Trabalho?” O autor resgata o pensamento de MARX e de LUKÁCS para desenvolver cuidadosamente as categorias analíticas na defesa de suas teses: a) “Ao contrário daqueles autores que defendem a perda da centralidade da categoria *trabalho* na sociedade contemporânea, as tendências em curso [...] não permitem concluir pela perda desta centralidade no universo de uma *sociedade produtora de mercadorias*.”; b) O autor resgata a distinção marxiana entre trabalho concreto (produtor de valor de uso) e trabalho abstrato (produtor de valor de troca), este duplo caráter do trabalho serve para afirmar a impossibilidade de se destruir o “trabalho como criador de valor-de-uso, como trabalho útil, [que] é indispensável à existência do homem[...]”, nesse sentido o trabalho é considerado *protoforma* do ser social. Mas não elimina a possibilidade de se “visualizar a eliminação do trabalho abstrato - ação esta naturalmente articulada com o fim da sociedade produtora de mercadorias”; c) “as possibilidades de uma efetiva emancipação humana ainda podem encontrar concretude e viabilidade social a partir das revoltas e rebeliões que se originam centralmente no mundo do trabalho”, apesar dos óbices derivados de sua *fragmentação, heterogeneização e complexificação*. Vivendo numa sociedade que produz mercadorias, valores de troca, as revoltas do trabalho ganham estatuto de centralidade, por isso, os trabalhadores *subproletarizados*, “podem (e devem) somar-se aos trabalha-

dores diretamente produtivos e por isso, atuando enquanto *classe*, constituem-se no segmento social dotado de maior potencial anticapitalista”; d) essa configuração atual da *classe-que-vive-do-trabalho* não coloca como horizonte a sua extinção, “ao contrário de adeus ao trabalho ou à classe trabalhadora, a discussão [...] pertinente é aquela que reconhece, de um lado, a possibilidade de emancipação *do e pelo* trabalho, como ponto de partida decisivo para a busca da omnilateralidade humana” e, de outro o grande desafio de edificar “uma ação conjunta destes segmentos enquanto classe”. A tarefa crucial dos socialistas revolucionários deve ser, a de superar a fragmentação da classe trabalhadora e “buscar os mecanismos necessários, capazes de possibilitar a confluência e aglutinação de classe, contra todas as tendências à individualização das relações de trabalho, à exacerbação do neocorporativismo [...]”; e) “o capitalismo dos nossos dias, ao mesmo tempo em que, com o avanço tecnológico, potencializou as capacidades humanas, fez emergir crescentemente o fenômeno social do *estranhamento*”. O estranhamento opõe-se ao desenvolvimento das individualidades em direção à omnilateralidade humana, e tem ainda “enorme relevância no universo da sociabilidade contemporânea”. À guisa de conclusão, ANTUNES assinala que “ao contrário das formulações que preconizam o fim das lutas sociais entre as classes, é possível reconhecer a persistência dos antagonismos entre o *capital social total* e a *totalidade do trabalho*”.

Sob forma de apêndice, o autor expõe seis textos que são complementares ao livro, e que em sua maioria já foram publicados em periódicos.

“A crise vista em sua globalidade” é o que pretende analisar Robert KURZ em seu livro: *O Colapso da Modernização (Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial)*. Na opinião de ANTUNES, este é um empreendimento difícil, mesmo quando o objetivo é reter algumas de suas tendências mais gerais. Ressalta ainda um dos “equivocos” instigantes do livro “que reconhece a sociedade como produtora de mercadorias, mas que acaba acreditando na tese da extinção da classe trabalhadora como agente capaz de impulsionar essas transformações.”

O texto “Indivíduo, classe e gênero humano: o momento da mediação partidária”, é um roteiro para debate. Enumera questões indicativas sobre a pertinência e validade de se pensar as conexões entre os partidos e as classes sociais. É preocupação do autor analisar as multifaces desta relação com o gênero humano (“Ser genérico, em termos marxianos, entendido

como ser consciente, que vive a efetividade humana omnilateral”), compatibilizada com a questão gênero/mulher.

“Trabalho e estranhamento” nos traz o aprofundamento ontológico destas duas categorias. Servido pelas teorias marxiana/lukacsiana, “ressalta a capacidade teleológica do ser social” quando o ser humano, em sua consciência, tem ideado “a configuração que quer imprimir ao objeto do trabalho, antes de sua realização”.

“A prevalência da lógica do capital”. Neste texto o autor procura apontar alguns elementos que determinaram a “derrocada” da URSS e da “experiência socialista” intentada neste século. Trabalha com duas teses: “a experiência da URSS não concretizou valores essenciais do pensamento de Marx” e, “as sociedades pós-revolucionárias não conseguiram construir-se enquanto sociedades socialistas”.

“Dimensões da crise contemporânea ou da nova (des)ordem internacional”, trata-se de uma tentativa de desmistificar e recolocar a dimensão aguda da crise contemporânea que está obnubilada por diversas concepções. ANTUNES elege duas destas que considera mais nefastas e insuficientes para os trabalhadores: 1) é “responsável pelo entendimento que se propagou, a partir da derrocada do Leste em 1989, com o desmantelamento da URSS e praticamente de todos os países que compreendiam o equivocadamente chamado “bloco socialista”; 2) a crença da vitória do capitalismo que teria, com a derrota do Leste, criado as condições para sua “eternização”. Estes dois últimos textos, apesar das concessões ao trotskismo e às teorias sociais democratas, que negavam a possibilidade objetiva de construção do socialismo na URSS a partir de 1917, nos traz algumas pistas importantes para entendermos a crise e o desmoronamento das experiências

de construção de sociedades socialistas, no caso, a da URSS e do Leste Europeu.

“Mundo do trabalho e sindicatos na era da reestruturação produtiva: impasses e desafios do novo sindicalismo brasileiro”, o autor levanta as temáticas desenvolvidas e detalhadas no livro, faz uma análise crítica ao sindicalismo brasileiro e conclui, questionando: “Qual o caminho que o novo sindicalismo brasileiro, nascido no final dos anos 70, vai adotar: irá negociar *dentro da ordem* ou *contra a ordem*? Procurará elaborar um programa de emergência para simplesmente gerir a crise do capital ou tentará avançar na elaboração de um programa econômico alternativo, *formulado sob a ótica dos trabalhadores*, capaz de responder às reivindicações imediatas do mundo do trabalho, mas tendo como horizonte uma organização societária fundada nos valores socialistas e efetivamente emancipadores?”

ANTUNES ao referir-se a esta obra como um ensaio necessariamente preliminar e limitado, surpreende seus leitores com a rigorosidade e aprofundamento nas análises fortemente centradas na materialidade do processo de trabalho, tendo em vista que este debate é recente e está em efervescência no Brasil. Este livro traz uma grande contribuição ao pensamento acadêmico, bem como ao sindicalismo, principalmente pela sua ousadia em (re)afirmar o marxismo na atualidade. E, é imprescindível para aqueles que se dedicam ao estudo de temas como: sindicalismo, trabalho e classes sociais, sociologia industrial, formação profissional e outros. Por fim, ANTUNES faz um convite irresistível ao debate e ao enfrentamento dos atuais desafios impingidos às classes trabalhadoras e ao sindicalismo, especialmente àqueles que acreditam na possibilidade histórica de soerguer uma sociedade necessariamente socialista.